

Atividades com a língua tupi no ensino fundamental (e médio)

Jean Lauand¹

Mariana Cirne de Oliveira²

Resumo: Embora o tupi e o guarani sejam línguas de importância para o português falado no Brasil, os livros de história (do 7º. ano do ensino fundamental) não as valorizam suficientemente e não exploram o rico potencial (para diversas disciplinas e para a transdisciplinariedade) dessas línguas para a compreensão de nossa língua e sociedade. Atividades simples e altamente motivadoras podem ser propostas nesse ensino.

Palavras Chave: Tupi. Guarani. Livros didáticos de História. Ensino fundamental.

Activities with Tupi language and school books in brazilian Middle School

Abstract: Tupi and Guarani the main languages of the Brazilian native Indians still have their importance in Brazilian Portuguese, but History school books underestimate their role in Brazilian live language spoken today. This article discusses that fact and proposes some activities in order to give transparency to Tupi-Guarani words and structures in Brazilian Portuguese today.

Keywords: Tupi. Guarani. History school books. Middle School teaching..

Introdução: preconceitos e estereótipos

Todos os anos, quando chega o dia 19 de abril, as crianças são submetidas nas escolas às atividades de celebração do “Dia do índio”, que é, em geral, o dia do estereótipo, o dia da representação social, com fantasias, crianças pintadas, idílicas imagens de contato com a natureza, idealizações baratas de convívio harmonioso entre brancos e indígenas, muito uga-uga etc., dando, com novas cores, um passo a mais na consolidação de antigos preconceitos, cristalizados em outras instâncias como as “piadas de índio” ou a expressão “programa de índio”³.

Essa expressão, diga-se de passagem, parece ter surgido no final dos anos 70, quando da moda de programas de excursões e trilhas, contato com a natureza etc. Contra o desconforto, a dureza e o radicalismo de algumas dessas propostas, teria surgido a expressão (“Acampar no mato, escalar montanha, sem comida quente, enfrentando insetos etc. Isso é *programa de índio*”), que depois se estendeu a qualquer programa aborrecido. Jogando com a expressão, já então consagrada, em 1985 a Rádio USP e outras emissoras educativas começaram a transmitir o “Programa de Índio”, apresentado por Ailton Krenak e outras lideranças indígenas importantes, iniciativa pioneira que abriu espaço no rádio para o pensamento, a luta e a cultura dos povos indígenas de nosso país. Ainda quanto à consolidação da expressão, só em fevereiro de 1994, o jornal Folha de S. Paulo deixou de mencioná-la sem aspas.

Nem vale a pena evocar as conhecidas “piadas de índio”, abundantes em outros tempos (e ainda hoje...), apresentando o indígena como reduzido a instintos primitivos. A mais famosa da época virou marchinha de carnaval em 1954: “Índio quer apito”.

A propósito dos novos estereótipos e preconceitos, a revista Escola, apresenta sugestiva matéria (Ampudia, 2011) com o título “O que (não) fazer no Dia do Índio”:

¹. Prof. Titular Sênior FEUSP e do PPGE da Univ. Metodista de São Paulo, jeanlaua@usp.br

². Mestranda do PPGE Metodista. Este artigo recolhe temas (e anuncia outros) da pesquisa de mestrado da qual os autores são orientanda e orientador.

³. Que, como se sabe, significa programa “aborrecido, cacete, chato” [Aurélio, 2010].

1. Não use o Dia do Índio para mitificar a figura do indígena, com atividades que incluam vestir as crianças com cocares ou pintá-las.

Faça uma discussão sobre a cultura indígena usando fotos, vídeos, música e a vasta literatura de contos indígenas. "Ser índio não é estar nu ou pintado, não é algo que se veste. A cultura indígena faz parte da essência da pessoa. Não se deixa de ser índio por viver na sociedade contemporânea", explica a antropóloga Majoí Gongora, do Instituto Socioambiental.

2. Não reproduza preconceitos em sala de aula, mostrando o indígena como um ser à parte da sociedade ocidental, que anda nu pela mata e vive da caça de animais selvagens

Mostre aos alunos que os povos indígenas não vivem mais como em 1500. Hoje, muitos têm acesso à tecnologia, à universidade e a tudo o que a cidade proporciona. Nem por isso deixam de ser indígenas e de preservar a cultura e os costumes.

3. Não represente o índio com uma gravura de livro, ou um tupinambá do século 14

Sempre recorra a exemplos reais e explique qual é a etnia, a língua falada, o local e os costumes. Explique que o Brasil tem cerca de 230 povos indígenas, que falam cerca de 180 línguas. Cada etnia tem sua identidade, rituais, modo de vestir e de se organizar. Não se prenda a uma etnia. Fale, por exemplo, dos Ashinkas, que têm ligação com o império Inca; dos povos não-contatados e dos Pankararu, que vivem na Zona Sul de São Paulo.

4. Não faça do 19 de abril o único dia do índio na escola

A Lei 11.645/08 inclui a cultura indígena no currículo escolar brasileiro. Por que não incluir no planejamento de História, de Língua Portuguesa e de Geografia discussões e atividades sobre a cultura indígena, ao longo do ano todo? Procure material de referência e elabore aulas que proponham uma discussão sobre cultura indígena ou sobre elementos que a emprestou à nossa vida, seja na língua, na alimentação, na arte ou na medicina.

5. Não tente reproduzir as casas e aldeias de maneira simplificada, com maquetes de ocas

"Oca" é uma palavra tupi, que não se aplica a outros povos. O formato de cada habitação varia de acordo com a etnia e diz respeito ao seu modo de organização social. Prefira mostrar fotos ou vídeos.

6. Não utilize a figura do índio só para discussões sobre como o homem branco influencia suas vidas

Debata sobre o que podemos aprender com esses povos. Em relação à sustentabilidade, por exemplo, como poderíamos aprender a nos sentir parte da terra e a cuidar melhor dela, tal como fazem e valorizam as sociedades indígenas?

Naturalmente, em diversas escolas, o "Dia do Índio" deveria causar, *mutatis mutandis*, a mesma problemática esquizofrênica (bandeirantes⁴ que massacraram indígenas têm seus nomes celebrados oficialmente...) levantada pelo vereador João Leite (PT) de Embu das Artes, no final de 2010: como se pode celebrar o "Dia da consciência negra" em escolas situadas na rua Domingos Jorge Velho (ou em suas proximidades)?

⁴ O bandeirante é o símbolo nacional mais difundido, dando nome a colégios, rádios, rede de TV, restaurantes etc. Muitos bandeirantes têm seus nomes em rodovias, escolas, ruas etc.

Uma rua do bairro Engenho Velho, no Embu tem o nome de Domingos Jorge Velho, assassino do líder negro Zumbi dos Palmares. O Vereador João Leite (PT), solicitou através da Indicação 119/2010 que seja feita a alteração do nome da Rua Domingos Jorge Velho, localizada no bairro de Engenho Velho. E solicitou que seja realizada uma consulta à população para a escolha do novo nome a partir dos artistas da cidade João Leite lembra a todos que Domingos Jorge Velho foi o organizador da invasão ao Quilombo dos Palmares, que resultou em sua destruição e na sequência, a morte de Zumbi dos Palmares.

Atualmente o movimento negro e a sociedade civil, lutam contra o racismo no Brasil, não só em relação aos crimes deste tipo praticados no cotidiano, mas também na eliminação da mentalidade e culturas racistas. Um dos sinais claros desta mentalidade é a homenagem a muitos dos algozes dos escravos, em seu detrimento, como é o caso da rua citada pelo vereador, no município de Embu. (http://www.cmembu.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=209:zumbi-rua-assassino-joao&catid=44:joao-bernardino-leite&Itemid=66 Acesso em 18-03-12).

A Rua Domingos Jorge Velho continua existindo (março – 2012) em Embu das Artes...

A esquizofrenia chega ao extremo quando consideramos o caso do município de Atalaia (AL) (tristemente famosa por ser o lugar do qual se deu o ataque final aos Palmares), no qual existe a escola pública: Grupo Escolar Domingos Jorge Velho. O nome da cidade refere-se ao ponto no qual ficavam de tocaia (atalaia) os homens que massacraram Zumbi e seu grupo.

Nossa intenção neste artigo limita-se a adiantar algumas propostas de atividades sobre a significativa influência da língua tupi (abrev.: LT) no português do Brasil, a partir de uma pequena amostra de sobre como os livros didáticos (abrev.: LD) trabalham essa possibilidade.

Claro que a língua não se detém em si mesma, mas convoca outras disciplinas e mesmo a interação entre elas. Parece-nos simplesmente incrível que um assunto tão rico e de fácil acesso, permaneça inexplorado (ou sub-explorado, ou mal explorado...) pelos LD. Sobretudo, se se tem em conta o imenso potencial de transdisciplinariedade que o tema comporta.

Como procuraremos indicar (mais amplamente na dissertação de mestrado), há inúmeros aspectos importantes em termos de visão-de-mundo e culturais na LT, precisamente em dezenas de palavras de origem tupi com que tropeçamos em nosso dia a dia e que permanecem opacas para nossos alunos, que só recebem informações genéricas (ou estereotipadas...) sobre a cultura indígena.

A LT e sua importância é apresentada nos LD de História, destinados ao 7º. ano, nos capítulos dedicados à chegada dos portugueses ao Brasil. O assunto é tão mais relevante quanto o LD constitui uma das únicas, ou talvez a única, fonte de (in)formação da imagem, da representação do “outro” e é visto como autoridade em sala de aula. Porém, como esse mesmo livro retrata a língua indígena com que os portugueses tomaram contato primeiramente?

Nesse quadro, nosso interesse principal é contribuir para a Educação Fundamental, propondo o ensino e atividades ligadas à linguagem / cultura tupi e guarani, a partir do que é proposto (ou não...) em nossos livros didáticos.

Trabalhando a LT na escola

Assim, discutiremos o papel da linguagem como indissociavelmente ligado à cultura, e exploraremos, entre outros, os fatos de linguagem da LT estudados por Lauand em sua “Metafísica Tupi” (in Lauand, 2007) e em (Lauand 2011, a).

Exploraremos principalmente as sugestivas potencialidades contidas nos sufixos *eté/ran*; *puera* e a distinção *catu/poranga*. A título de exemplo (ainda provisório), adiantamos uma amostra desta última.

Bom, em tupi, é *catu*; belo, *poranga* (ou *porã*, em guarani). Duas palavras que aos brasileiros são familiares, especialmente a última, pelos topônimos, como por exemplo, Botucatu (vento bom, bons ares); Ponta-Porã (híbrida: ponta bonita). E há, pelo menos, oito estados com cidade chamada Itaporanga.

No tupi descrito por Couto Magalhães, há uma interessante peculiaridade, assim descrita por esse autor: "Em vez de dizerem *alguma coisa boa*, eles dizem *alguma coisa bonita (poranga)*. Bondade física para eles é o mesmo que boniteza e vice-versa. A palavra *catu*, bom, exprime ou qualidades morais ou bondade que não se veja, como a de uma planta eficaz para uma moléstia".

E, assim, uma vez mais, a língua indígena vem ao encontro da filosofia de S. Tomás. O belo é um transcendental do ser, algo idêntico (na coisa) ao ente (e ao bem), e com ele conversível, embora tenha uma razão de definição diferente: "O belo é idêntico ao bem, só dele difere pelo aspecto que enfatiza" (S. Tomás). E este algo, que o belo acrescenta ao bem, é uma certa relação com o conhecimento: neste ponto, S. Tomás faz notar (sempre a linguagem comum!) que dentre as coisas sensíveis, chamamos belo ao que vemos e ouvimos (um quadro belo, uma melodia bela), mas não aos aromas ou sabores. E conclui: "Chama-se bem ao que absolutamente (*simpliciter*) apraz ao apetite; belo àquilo cuja apreensão nos apraz".

(LAUAND 2007, p. 267)

Neste, como em tantos outros fatos de linguagem, o tupi revela sua visão de mundo, tão marcada pela relação com a natureza. Na natureza, muitas vezes, o *poranga* coincide com o *catu* e o manifesta. Uma pessoa que vai escolher uma fruta, digamos, uma banana ou um mamão, sabe que o aspecto externo é indicativo da qualidade real e nutritiva da fruta: podemos presumir que uma banana *poranga* seja também uma banana *catu* e, reciprocamente, se sua casca estiver desfigurada e negra (banana não *poranga*) provavelmente causará algum dano à saúde (banana não *catu*).

Não nos iludamos: os bons ares de Votuporanga, são simplesmente ares agradáveis, “gostosos” (mas não necessariamente saudáveis). No passado dia 6 de setembro, o *Diário de Votuporanga* (“Votuporanga em estado de emergência” http://www.diariodevotuporanga.com.br/mm/index.php?_path=noticias_det&id=9252 acesso em 15/11/2011) noticiou que nos meses de agosto e setembro a cidade por diversas vezes entrou em estado de alerta e com índices que poderiam inclusive classificá-la como cidade em estado de emergência. Já em Botucatu, se a cidade faz jus ao nome, os ares são saudáveis, benéficos para a saúde, embora não necessariamente agradáveis. E a *catuaba* (“planta boa” – HOUAISS 2001) é de gosto estranho e amargo, mas produz diversos bons efeitos, alguns prodigiosos...



www.mondovr.com/2007/06/catuaba.html

Já a porangaba, tem uma aparência vistosa:



<http://sementesonline.com/ervas.html>

Dentre as diversas possibilidades de exploração didática do binômio catu / poranga, temos os inúmeros topônimos (como os nomes de municípios paulistas Echaporã, Indiaporã, Iporanga, Itaporanga, Mairiporã, Nuporanga etc.); o sugestivo nome do requeijão catupiry (que estudaremos uma vez apresentado o binômio eté/ran); diversos nomes de plantas; etc.

Outro fenômeno da língua tupi que pode ser muito explorado em sala de aula e nos LD é o das palavras terminadas em uera (guera, puera, quera).

Como ensina Lauand (2011a, p.26):

Ao juntar, a um vocábulo x, a terminação *-guera* (*quera* ou *puera*, de acordo com a eufonia), obtemos uma curiosa alteração semântica: *x-guera* é o que foi x, já não é mais (ao menos, em sentido próprio e rigoroso), mas preserva algo daquele x que um dia foi.

Só com enunciar essa definição, já dá para perceber imediatamente as imensas possibilidades de pensamento por ela abertas. Não há nas línguas “cultas” um recurso tão poderoso como esse: que abre uma terceira possibilidade, para além do clássico binômio aristotélico ato/potência. A potência é a possibilidade de vir a ser ato (o ser que está-aí); ou segundo o exemplo tradicional semente/árvore: a semente está em potência de vir a ser árvore; e esta árvore é o ato da potência que estava na semente. Mas não dispomos de recursos de linguagem – e ao não dispor de linguagem, não dispomos de facilidades de pensamento – para expressar a permanência de algo que já passou: quando falamos em “ex”, por exemplo em ex-marido, ex-presidiário, pensamos somente no fato de que Fulano não é mais presidiário. Já o *uera* tupi

chamaria a atenção para o fato de que, por assim dizer, um *presidiarioguera* é alguém que carrega marcas, cacoetes e traumas de um passado que, de algum modo, permanece: um passado que não passou e se projeta no presente e no futuro. Como se evidencia no filme “Um sonho de liberdade” (1994), na magistral interpretação de Morgan Freeman do ex-presidiário Red que, em liberdade condicional e trabalhando em uma loja, não consegue urinar senão após a explícita autorização arrancada do (perplexo e constrangido) gerente: “Permissão para urinar, concedida!”.

E quando lembramos que sempre se ensina que o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva foi apelidado de Anhanguera porque em tupi isso significa “diabo velho”, é oportuna a seguinte correção:

[após explicar o significado de –guera...] Assim, *anhangá* é diabo, espírito com poderes; já *anhanguera* é alguém que sem ser (mais) diabo, preserva algo daquele poder que um dia teve em plenitude. Mais do que a “diabo velho” é a esse remanescente poder diabólico que se refere a lendária proeza do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, que pôs fogo na “água” (aguardente) para intimidar os índios. (Lauand 2011a, p. 26).

A visão de mundo tupi: -eté x -ran

Uma das mais poderosas ferramentas da LT em sua aguda leitura do mundo é o par de sufixos –*eté* e –*ran*. O que permite o diálogo de igual para igual do tupi com as grandes tradições de pensamento ocidental e orientais. De extraordinário alcance metafísico, a distinção é apresentada em Lauand (2010):

Voltemo-nos, agora, para o fundamento da ética, para os antigos: o próprio ser do homem. Tal concepção pode resumir-se - também ela - numa memorável formulação de Píndaro: "Torna-te o que és!". Essa sentença recolhe da forma mais enxuta possível, um conceito chave para o pensamento e a educação grega: *areté*.

Areté, para os propósitos do breve espaço desta conferência, poderia ser traduzido por “virtude”, mas, por diversas razões (como a falta do uso vivo dessa palavra hoje: quem de nós a ouviu ou falou recentemente?), os tradutores preferem vertê-la por excelência do ser. A excelência, o máximo, superlativo do ser de algo: *areté* no golfe é Tiger Woods; *areté* de atacante é Neymar em dia inspirado; *areté* de cavalo não é um pangaré qualquer, mas o ímpeto daquele cavalo idealizado pelo poeta pré-islâmico, Imru Al-Qays, que "avança, retrocede, arranca e recua num mesmo ato", o que, no original árabe, é toda uma onomatopeia: “*Mikarrin, mifarrin, muqbilin, mudbirin, ma'an!*”. O caso torna-se problemático quando o pensamento grego – com Sócrates e Platão – indaga pela *areté* do homem. Sal que é sal, salga; centroavante que é centroavante, mata; homem que é homem... quê?

Nestes 2500 anos de antropologia e filosofia moral não chegamos nem perto de uma resposta cabal sobre a *areté* do homem, o que é natural nas questões filosóficas. Seja como for, há – em diversas culturas – algumas constantes: a afirmação de que a moral se enraíza no ser – e até com ele se confunde – é uma convicção universalmente estendida. Bem entendido, o ser em processo de busca dessa excelência; daí que o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper tenha resumido o ideal da

virtude/areté como “processo de auto-realização” (*selbstverwirklichungsvorgang*). (Nem é preciso dizer que, em nenhum caso, essa *areté* é pensada como algo exclusivamente do eu individual, à margem do outro; pelo contrário, a auto-realização passa pela abertura e sempre vige a conhecida sentença de Ortega y Gasset: “*Yo soy yo y mi circunstancia y si no la salvo a ella no me salvo yo*”).

A afirmação da *areté* como ideal moral não é apanágio da filosofia, mas encontra-se também em diversas outras instâncias: é o sentido profundo do *to be or not to be* shakesperiano (*that is the question...*), encontra-se na Comédia de Dante, na tradição confuciana; do "Torna-te..." de Píndaro às estruturas da língua tupi...

Na *Divina Comédia* (Purg. XXIII, 31-33), ao tratar da recomposição do ser, desfigurado pelos desvios morais, encontramos este enigmático terceto:

"Pareciam-lhes os olhos anéis sem gemas

E quem no rosto dos homens lê 'homem'

Bem poderia reconhecer o M"

Que significa este misterioso M? (*emme* que rima com *gemme*). O sentido desses versos é que a ação injusta atenta contra o próprio ser de quem a pratica, desfigura-o, rouba-lhe o *to be*, o rosto humano - poeticamente figurado, em concretismo, na palavra "OmO" (omo, na língua de Dante, significa homem).

Também para Confúcio - e para a tradição do Extremo Oriente, registrada não só em seus tratados sapienciais, mas até mesmo enraizada nas línguas - a moral é o ser homem (*ren*, em chinês / *jin*, em japonês; e a virtude da humanidade também é *ren*, cujo ideograma se obtém por uma como que “duplicação” do ideograma *ren*-homem, ou seja um homem a dois: aberto para o outro), e o imoral (*fei-ren* / *hi-nin* - a grafia japonesa é idêntica à chinesa) é o não-homem, como plasticamente indica o ideograma da negação e da falsidade, da desestruturação desde dentro, da desagregação, anteposto ao ideograma *ren* homem.



A mesma ideia fundamental é encontrada na sabedoria da língua tupi. Para o tupi - que usa o sufixo *eté* como intensivo, superlativo e índice de verdade ontológica - (e que de modo inquietante lembra, até foneticamente, a *areté* grega) - o homem bom moralmente é *aba-eté*, ou seja, o homem de verdade ou, no sentido de Tomás de Aquino, *simpliciter* e *ultimum potentiae* (que é como o Aquinate traduz a *areté*, dizendo que a virtude aponta para o máximo daquilo que se pode ser). Enquanto o homem imoral é *aba-ran*, pseudo-homem. O drama fundamental ético-existencial do homem transcende o âmbito da filosofia acadêmica e atinge a arte popular: é apresentado até numa canção de Milton Nascimento, *Yauaretê* (canção-título do álbum de mesmo nome). Nessa canção, o homem dialoga com a onça jagaretê, pedindo-lhe - a ela que já atingiu o *ultimum potentiae* de seu ser-onça (onça em tupi é jaguar): *yauar-eté* - que lhe ensine o correspondente

ser-homem em potência máxima. E aí se retoma todo o problema ético, de Platão a Sartre: o que é verdadeiramente ser homem? Maria, a onça yauaretê, já realizou a plenitude do ser-onça (que, no caso, se resume na "sina de sangrar") e o poeta, entre perplexo e invejoso, pergunta-lhe: O que é ser homem?

Entre outros versos de profunda sintonia com o pensamento clássico, diz a canção: "Senhora do fogo, Maria, Maria / Onça verdadeira me ensina a ser realmente o que sou (...) / Vem contar o que fui, me mostra meu mundo / Quero ser yauaretê / Meu parente, minha gente, cadê a família onde eu nasci? / Cadê meu começo, cadê meu destino e fim? / Pra que eu estou aqui? (...) / Dama de fogo, Maria, Maria / Onça de verdade, quero ter a luz (...) / Me diz quem sou, me diz quem foi / Me ensina a viver meu destino / Me mostra meu mundo / Quem era que eu sou?"

Não é por acaso que encontramos frequentemente em Guimarães Rosa alusões ao tupi, já mesmo no título Sagarana (parece saga) e em Riobaldo Tatarana (parece fogo), personagem central do *Grande Sertão*.

Um par de exemplos de atividades escolares sugeridas pelos LD

Apresentamos aqui um par de exemplos de atividades escolares sugeridas pelos LD. Ante tanta riqueza da LT, parece-nos uma simplificação burocrática uma atividade como a sugerida pelo livro (FIGUEIRA & VARGAS 2009, p. 136)

Consulte um dicionário e procure palavras de origem indígena que foram incluídas em nosso vocabulário. Copie-as em seu caderno, anote seu significado e sublinhe as que você já conhecia. Atenção: muitos termos de origem tupi-guarani são formados por afixos (certas "partes" que não variam ou variam pouco nas palavras) como os seguintes:

Abá – homem, ser humano	Ibi – terra, solo, chão	Quara – refúgio, esconderijo, lugar onde vivem animais
Ara – dia	Ibirá – árvore, pau, vara	Riri – que corre ou flui
Ará – papagaio	Ira – mel	Roba – amargo
Caá – mato (às vezes, aparece só "cá")	Itá – pedra	Ruru – grosso
Carai – sagrado	Mirim – pequeno	Tatá – fogo
Cari – branco	Oca – casa	Tinga – branco
Caru – espinho	Panema – ruim, inútil	Tuba ou tiba – muito, em abundância
Catu – bom	Para – mar ou grande rio	Uba ou uva – árvore
Guaçu – grande	Pinda – anzol	Uba – flecha
Guara – comedor	Pira – peixe	Una – negro
I – água	Pitang – vermelho	

O LD indica ao aluno: "consulte um dicionário e procure palavras de origem indígena que foram incluídas em nosso vocabulário". A atividade sugerida é frustrante e está fadada ao fracasso: tuba, guaçu ou quara etc. não são afixos, mas costumam

aparecer no final das palavras compostas: I-guaçu, arara-quara, uba-tuba etc. e geralmente em topônimos: que **não** são incluídos em dicionários!

Para mostrar a impossibilidade da tarefa, percorramos algumas palavras da lista proposta:

Abá – homem. O aluno não encontrará nenhuma palavra com *abá*. A palavra conhecida, *Abaeté*, é um topônimo e não se encontra nos dicionários... Mas, como acabamos de ver, a dramática oposição *aba-eté* x *aba-ran*, dá margem a todo um curso de antropologia filosófica.

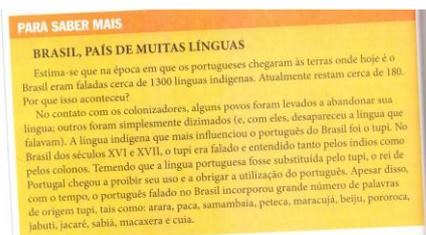
Ara – ave. Em vez da impossível tarefa proposta pelo LD, podemos tecer interessantes considerações etimológicas: *puka* (ou *poka*) é quebrar, estourar; *pipoka* é a pele do grão que estoura e *arapuka* é pássaro-quebra: a armadilha que se quebra quando a ave tenta pegar o alimento de isca. Também *pororoca* (o estrondo do encontro das águas) e o leitão *pururuca* (crocante) remetem ao quebrar, estourar.



As atividades interessantes seriam, a nosso ver, explorar a visão de mundo do indígena, seus provérbios e lendas, toponímia, a riqueza de suas metáforas, a etimologia (atividades que só envolvem linguagem e exequíveis em qualquer escola). Tomemos como exemplo a palavra proposta: *pindá*, *anzol*. Todas as crianças conhecem a expressão “estar na pindaíba”. E quando verificamos que *pinda-íba* é literalmente *anzol* estragado, *anzol* que não presta, ocorre uma poderosa e divertida iluminação: o *anzol* é essencial para o indígena e se o *anzol* não funciona... E que *Pindamonhangaba* é etimologicamente lugar onde se fabricam *anzóis*; que ladrão, o que furta, é *popindá* = mão de *anzol*. Etc.

De *caá* mato, deriva *capoeira* (*caa-puera*) o mato ralo, que já foi mato pleno, mas já não é. Naturalmente o aluno não encontrará *capoeira* no dicionário a partir da *caá*... E *Caeté* é mais conhecido como topônimo. *Caá-tinga* é mato branco, claro.

Já o LD de Boulos Jr. (2009, 204) apresenta sem nenhum critério aparente palavras tupis que se incorporaram ao português do Brasil.



Já o LD de Domingues (2009, 297) também despeja uma atividade (“Desafios”) com um aspecto frustrante: a palavra “caipira” é apontada por Houaiss e pelo Aurélio como de origem incerta! Desperdiça, diga-se de passagem, excelente oportunidade para uma reflexão – análoga a esta que fazemos sobre a LT – para as línguas bantu.

...ba meu boi (MA), lavagem da Igreja de Bonfim (BA) e outras.

PROVA NO DICIONÁRIO (trabalho individual para casa)

Nós falamos muitas palavras indígenas e africanas, muitas vezes, sem saber sua origem. Faça no caderno um quadro como o do modelo abaixo, completando-o com as palavras que se seguem. Inscreva no dicionário a origem e o significado de cada uma.

PALAVRA	ORIGEM (indígena ou africana)	SIGNIFICADO
carapim	Indígena (tupi)	Carapinha, cabelo crespo
arapuca;		

arapuca; cacimba; jabá; quitanda; caipira; tamanduá; caçula; cachimbo; jabuti; jacaré; quitute; paca; tatu; moleque; maracujá; banzé; nhe-nhe-nhem; biboca; mutirão.

Toda a imensa riqueza da LT é relegada a um “desafio” de 3 linhas...

Referências Bibliográficas

- Ampudia, Ricardo “O que (não) fazer no Dia do Índio” 2011. <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/nao-fazer-dia-indio-cultura-indigena-624334.shtml>. Acesso em 18-03-12.
- Aurélio – **Dicionário Aurélio da língua portuguesa** (CD-ROM), Edit. Positivo, 5ª. ed. 2010.
- Boulos Jr. Alfredo **História, Sociedade & Cidadania 7º. ano**. São Paulo: FTD, 2009.
- Domingues, Joelza Ester **História em Documento 7º. ano**. São Paulo: FTD, 2009.
- LAUAND, J Os caminhos que levam às ideias. **Língua Portuguesa**. São Paulo, Segmento, Especial Etimologia, pp. 33-35, 2011.
- LAUAND, J. **Filosofia, Linguagem, Arte e Educação**. São Paulo: Factash, 2007
- Lauand, J A virtude como excelência e auto-realização: Ocidente e Oriente. **Notandum Libro 14**, pp. 7-16. São Paulo, Cemoroc-Feusp, 2010. www.hottopos.com/notand_lib_14/notandumlibro14.pdf. Acesso em 12-03-12.
- Lauand 2011a: LAUAND, J O que continua, se não é mais. **Língua Portuguesa**. São Paulo, Segmento, No. 68, junho 2011, pp. 26-27.)

Recebido para publicação em 20-03-12; aceito em 18-04-12